

AMANHÃ AMADRUGADA 30 ANOS: A LITERATURA DE VERA DUARTE DE CABO VERDE PARA O MUNDO

Simone Caputo GOMES*

- **RESUMO:** Vera Duarte, escritora cabo-verdiana, completa 30 anos de carreira. Iniciou sua trajetória literária com **Amanhã amadrugada**, poesia de autoria feminina, que abordava, como tema principal, a resistência à ordem patriarcal e a emancipação das mulheres. O colonialismo, a independência política de Cabo Verde, a situação mundial e a contemporaneidade são também vetores de sua obra, cujo ponto de partida é o livro de 1993, que ora apresentamos. Das lutas femininas (e não somente) do seu pequeno país insular às convulsões que assolam o mundo (guerras, fomes, ódios) move-se o texto de Vera Duarte, projetando as questões crioulas a uma dimensão planetária.
- **PALAVRAS-CHAVE:** **Amanhã amadrugada**. Vera Duarte. Literatura Cabo-verdiana. Poesia. Literatura-Mundo.

E como é linda esta folha de papel que nervosamente vou cobrindo de pequenas formas arredondadas que talvez morram no caixote de lixo mais próximo ou levem ao próximo milénio a mensagem do milénio mil, rica e sinuosa, vermelha como um grito e, acima de tudo, MULHER.¹

VERA DUARTE (Vera Valentina Benrós de Melo Duarte Lobo de Pina) é cabo-verdiana da ilha de São Vicente (Mindelo). Desembargadora, poeta (é assim que Vera Duarte gosta de ser denominada, e não “poetisa”), ficcionista e ensaísta, é Membro Fundador da Academia Cabo-verdiana de Letras (da qual foi Presidente e Vice-Presidente), Membro da Associação de Escritores Cabo-verdianos (da qual foi Presidente), Membro da Academia de Ciências de Lisboa e da Academia Gloriense de Letras (Brasil). Também é Membro do *Institute for African Women in Law* e do Centro de Humanidades da Universidade Nova de Lisboa. Foi condecorada

* USP – Universidade de São Paulo – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – SP – Brasil – CEP: 05508-010 – simonecaputog@usp.br.

¹ DUARTE, Vera, 1993, p.37.

com a Medalha de Mérito Cultural pelo Governo de Cabo Verde, em 2005, e com a Medalha do Vulcão de Primeira Classe pelo Presidente da República de Cabo Verde, em 2010. Recebeu, entre outros, os Prêmios: Menção Honrosa nos Jogos Florais 1976, pelo primeiro aniversário da Independência Nacional; Primeiro lugar no Concurso Nacional de Poesia promovido pela Organização das Mulheres de Cabo Verde (1981); Prémio Norte-Sul Direitos Humanos do Conselho d'Europa (1995); *Tchicaya U Tam'si de Poésie Africain* (2001); Prémio Sonangol de Literatura (2003); Prémio FEMINA 2020 para Mulheres Notáveis; Prémio Literário Guerra Junqueiro, Lusofonias (2021); Prémio José Aparecido de Oliveira de Honra e Glória ao Mérito, nos 25 anos da CPLP (2021).

Dentre suas publicações destacamos **Amanhã amadrugada**, poesia, 1993; **O arquipélago da paixão**, poesia, 2001; **A candidata**, romance, 2004; **Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança**, poesia, 2005; **Construindo a utopia: temas e conferências sobre Direitos Humanos**, 2007; **Ejercícios poéticos**, 2010; **A palavra e os dias**, crônicas, 2013; **A matriarca—uma estória de mestiçagens**, romance, 2017; **De risos & lágrimas**, poesia, 2018; **A reinvenção do mar: antologia poética**, 2018; **Cabo Verde, um roteiro sentimental: viajando pelas ilhas da sodad, do sol e da morabeza**, ensaios, 2019; **Naranjas em el mar**, antologia poética bilingue português e espanhol, 2020; **Contos Crepusculares: metamorfoses**, 2020; **A Vénus crioula-** romance, 2021; **Desassossegos e acalantos-** micro contos, 2021; **Urdindo palavras no silêncio dos dias-** poesia, 2022; **José Mãos Limpas e outros contos**, 2023.

Conheci Vera Duarte, a escritora, numa saudosa noite há passados 30 anos, quando lançávamos nossos respectivos livros na Sala António Nunes, na cidade da Praia, na ilha de Santiago de Cabo Verde. Eu apresentava o meu, **Uma recuperação de raiz: Cabo Verde na obra de Daniel Filipe**, originariamente dissertação de Mestrado defendida em 1979 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro e publicada em 1993, inaugurando a Coleção TESE do Instituto Cabo-verdiano do Livro e do Disco. Vera lançava o seu, **Amanhã amadrugada**, com apresentação de Mário Lúcio, com direito a brinde de vinho em taças que ele trouxera escondidas na mochila.

A partir daí, formou-se uma amizade e uma irmandade entre mim e Vera que completa três décadas.

Trazendo, em 1993, **Amanhã amadrugada** para o Brasil, introduzi a poesia de Vera Duarte em curso de Pós-graduação na Universidade Federal Fluminense e, até os nossos dias, continuo divulgando sua extensa e heteróclita obra, que tem ganhado mundo, com justiça.

Desde os primeiros escritos (**Jogos Florais 1976, antologia de poesia cabo-verdiana**, com outros autores, e **Amanhã amadrugada**, 1993, primeira obra individual), Vera se debruça sobre temáticas estruturais do tempo em que vive, como os direitos humanos, a assunção e o empoderamento da voz e da ação

femininas na sociedade e na literatura, a persistência de situações de discriminação e escravatura, a denúncia e a abolição de qualquer tipo de preconceito, a extinção de todas as formas de violência.

Aliando o discurso lírico (da paixão, do erotismo, do amor loucura, com ecos da poesia de Florbela Espanca) ao registro épico (a gesta das guerreiras das lutas de libertação, o heroísmo cotidiano das mulheres cabo-verdianas a vencer a seca e a fome), Vera Duarte apresenta-nos em **Amanhã amadrugada** 59 poemas, assim divididos: Caderno I, com 15 momentos; Caderno II, com 10 exercícios poéticos; Caderno III, com 22 poemas de bloqueio, de amor e ausência; e Caderno IV, com 12 poemas).

A estrutura da obra tem por suporte metáforas de base, que ora se associam, ora se estruturam em antíteses. Vejamos: a imagem do “pássaro fechado” (“que não posso soltar”, p. 25), que traz à memória a lírica de Jorge Barbosa na epígrafe do Caderno I (DUARTE, 1993, p. 25-44), e a da “borboleta a que se recusaram as mais belas flores” (“borboleta ferida”, “columbina / de sina adversa”, DUARTE, 1993, p. 33, p. 44, respectivamente) opõem-se às “amarras que se soltam” (DUARTE, 1993, p. 89) na manhã (e no amanhã) “amadrugada”, representativas tanto do percurso feminino em Cabo Verde quanto da “revolução”, da independência do arquipélago dos grilhões do colonialismo (“história dolorosa” que a poeta se propõe a “contar” no Caderno I, p. 27).

No “século vinte”, “tempo de mágoas”, “de luto”, da “canção desesperada” da mulher “escravizada, tiranizada, violentada”, “impotente”, representativa de todas as mulheres ou da maioria das mulheres a que pretende dar voz, o eu lírico deseja “desvendar os universos proibidos”, “lutar contra os preconceitos e a opressão que castram”, “desprezar os fariseus da [sua] história e voar” em plena liberdade (DUARTE, 1993, p. 40, Momento XII). A contenção e a “sublimação”, as “imagens proibidas e as sensações interditas” serão ultrapassadas pela “voz da libido”, pela “paixão”, pelo erotismo, pela “loucura” (DUARTE, 1993, p. 55 e 44, exercício poético 5 e Momento XV, respectivamente).

Das amarras do amor-paixão, que gera desamparo e solidão, e das amarras da liberdade política (“Apertam-se-me os círculos concêntricos”, uma “involuntária clausura” e “uma parede castrante erguida”, cf. DUARTE, 1993, p. 39) aos voos possíveis para um povo herói do cotidiano (o cabo-verdiano), especialmente representado por suas mulheres, fala-nos a poesia de Vera Duarte, que tem por veículo e confidente a folha de papel (“cúmplice”, p. 32). Em **Amanhã amadrugada**, uma reflexão sobre a escrita se constrói passo a passo, dedicada à tarefa de erigir um discurso poético feminino em Cabo Verde, e a revolução dá-se também na forma poética que transita, ora em verso, ora em prosa, libertando-se das barreiras do que se convencionou para a forma da poesia—“Malarmé tem razão: a prosa não existe”, afirma a escritora, em coro com o português Manuel Alegre, na epígrafe do Caderno II (p. 47).

Mas da pátria também se trata: “o país. Não apanhe mais moscas nem desenhe foguetões de ir à lua. À lua vai-se nos *states*. Aqui vai-se à terra. Assim, à terra sem nada nem verdes porque chuva não há. [...] Não chove, não chove, não chove” (exercício poético 6, p. 57). Fala-se da pátria (centrada no Mindelo) sitiada pelo fascismo e da pátria liberta, aberta ao mundo: “A minha ancestralidade plasmada sobre a baía e o porto grande que se abre ao infinito gerou-me” (Momento XI, p. 39).

Toda a poesia de Vera Duarte viaja pelo “interior” (p. 51) de seu país, roteiro que seguirá também na prosa, revelando ao leitor a história, os costumes, o palpitante da vida nessas ilhas no meio do mundo. O percurso da obra poética de Vera Duarte, objeto maior deste meu texto, documenta a saga de seu povo desde a construção de um “tempo novo” (p. 69), “madrugada diferente” (p. 91) face ao bloqueio da ditadura reinante até 1975 (“tempo de luto”, p. 70), até a consolidação de uma democracia das mais representativas da África Subsaariana. Dos sonhos de um “Sahel redimido”, de uma “terra sagrada que abre suas comportas” (p. 104), fala-nos a poeta em seu primeiro livro publicado, **Amanhã amadrugada** (1993).

No Caderno IV, de subtítulo “de quando se soltaram as amarras”, Vera Duarte propõe, em epígrafe de sua autoria, o mote do livro e, de certa forma, de toda a obra que virá ao nosso encontro, de 1993 a 2023:

Até que um dia
farta já dos voos rasantes que planam sem ousar
me arme de um hino revolucionário e parta ...
em direção a uma madrugada diferente (DUARTE, 1993, p. 91).

O período demarcado dos poemas é 1975, ano da independência do país do jugo colonizador. E o Caderno se inicia com “O povo em poesia”, expondo o comprometimento da poeta com o processo político:

penetrei com desespero
no fundo da miséria dos homens

Agora sei tudo
a poesia dos oprimidos
e a beleza grandiosa
do povo empunhando com ódio
as armas que o libertarão (DUARTE, 1993, p. 93).

O caderno vai cantar “o sonho [que] se fecundou/em concreta utopia” nas figuras do “Guerrilheiro” (título de poema, p. 97), dos “homens que construíram/a

Pátria nova”, dos “mártires”, personagens representativos de “um povo herói do cotidiano” (p. 98). A chuva, enfim, poderá chegar em outubro, não sob a forma física (“as chuvas de outubro não existem”), mas na ação do povo:

Homens mulheres crianças
Na pátria livre libertada
Plantando mil milharais
Serão a chuva caindo
Na nossa terra explorada (DUARTE, 1993, p. 99).

Contudo, não somente um caminho da nação independente rumo ao mundo, mas um caminhar no mundo é o que verifico na literatura e, sobretudo, na poesia cabo-verdiana na contemporaneidade, e aqui tomo a escrita de Vera Duarte como exemplar.

Amanhã amadrigada evoca um tempo (os quatro Cadernos que estruturam o livro datam-se, decrescentemente, entre 1985 e 1975) “no dobrar do derradeiro século do milénio mil, tão rico, injusto e mal vivido” (Momento I, p. 27) e propõe-se a “contar uma história dolorosa” (p. 27), que se estende do Sahel africano a um “mundo” com “guerras, fomes e ódios” (Momento II, p. 29). Um mundo de amor-angústia “sem saída”, de “desamparo e solidão” (Momentos II e III, p. 29-31). O papel é a “cúmplice folha” (p. 32) ou o tão certo secretário (com ecos de Camões) onde se expressa a dor (cf. poema “Desesperadamente”, Caderno III, p. 85) de um eu lírico feminino que, em plena transição de século, exprime sua revolta num “grito”, “mensagem ao próximo milénio que já não tarda” (Momento IX, p. 37). E espera, “aguarda o momento de existir” numa “madrugada ou manhã clara” (Momento IV, p. 32).

A saga de uma literatura de autoria feminina produzida por cabo-verdianas desde Antónia Gertrudes Pusich, referida por Manuel Ferreira (FERREIRA, 1977, p. 13) como produtora da “mais antiga obra literária de um autor africano”, é aqui verticalizada por Vera Duarte, expondo as emoções, reflexões e convulsões de um eu feminino na transição para o século XXI.

Toda a obra de Vera Duarte se constrói na trilha de uma resistência da escritura de autoria feminina a um cânone que tem consagrado, prioritariamente, obras de autoria masculina. Tal dinâmica tem provocado um incremento à divulgação e exame de uma linhagem de obras esquecidas (ou invisibilizadas) de escritoras presentes nos **Almanaques**, como o **de lembranças luso-brasileiro 1851-1900** e o **luso-africano**, no século XIX, bem como a investigação de obras pouco estudadas, como as de Maria Margarida Mascarenhas, Yolanda Morazzo, Sílvia Crato, por exemplo. A crítica universitária atual tem contemplado, com frequência, a produção de Orlanda Amarílis, Dina Salústio, Fátima Bettencourt, além de Vera Duarte, buscando demonstrar como a perspectiva feminina se vai adensando à medida que

a emancipação das mulheres cabo-verdianas no mundo patriarcal (e no mundo da literatura) vai ganhando força e espaços.

Em suma, na contramão das inúmeras lacunas observadas (que podemos denominar de “memoricídio”), já fartamente mencionadas em ensaio publicado anteriormente², afirmo, com Vera Duarte que, para as mulheres,

um outro mundo é possível
sem estupros mutilações ou sequestros
sem humilhações nem discriminações
sem açoites nem mortes prematuras (DUARTE, 2013, p. 42).

Resgatar o memoricídio (discriminações/mutilações) operado com relação às produções literárias femininas é o meu objetivo desde a década de 1990, inserindo-me na construção deste “outro mundo possível”, inclusivo e não vitimizador das mulheres, referido pela poeta. Por tal motivo, vale a pena proceder a uma verticalização da pesquisa do vasto material oferecido pelas escritoras cabo-verdianas, para aquilatar as denúncias de um patriarcalismo repressor e violento, além de inferir as refrações e resistências que suas perspectivas podem imprimir ao cânone marcadamente masculino.

O poema “Sinais”, de Vera Duarte, pode ser lido como uma proposta de olhar o cânone cabo-verdiano e a trajetória das mulheres de forma diversa com relação à hegemonia patriarcal:

Pelo tempo por que passei
deixei gravados os meus sinais
d’insurreição, revolta e rebeldia
e d’alegria para lá da dor [...]
d’escrava amarrada ao tronco
esperando a cruel chibata [...]
de triste esposa submissa
obedecendo ao rude senhor [...]
pelo tempo por que passar
deixarei gravados outros sinais (DUARTE, 2001, p. 57-58).

O livro de estreia de Vera Duarte, **Amanhã amadrigada**, exemplar desse movimento de destaque à escrita literária feminina e de assunção de uma ótica feminista, permite constatar que o texto e o eu lírico transitam de uma “DOR” florbeliana, que reverbera nos “jardins fechados do mundo” (“os versos de Florbela que me traem”, p. 42), para o “desejo nostálgico de clareiras abertas no mato”

² GOMES, 2019.

(p. 36); ultrapassam “as secas-sahel-e-pesadelos” e alcançam conquistas como a “festa” da “chuva” que “vivifica” e a “madrugada” (momento VII e Momento VII, respectivamente, p. 35 e 36), metáforas que antecipam, já no Caderno I, os desdobramentos e a abertura de sua obra (poética e ficcional) posterior a uma leitura mundial.

“Setembro” (que inicia o Caderno III, p. 67) e poemas subsequentes dividem o tempo das estações do ano em dois tempos: das “lembranças de um tempo de luta”, de “dor”, “revoltas”, “tiros”, “sangue” e “grilhetas”, “de África cativa/num mundo cheio de vazio” (p. 67-68), e, por outro lado, de sua extinção com a chegada das “chuvas abundantes” (p. 67) que evocam, na terra seca do arquipélago (e, por extensão, na secura do mundo), a imagem da “mais bela madrugada” (p. 68). Assim:

a água varreu o lamaçal
limpou os corpos caídos
levou dejetos e tudo
e apenas deixou
– redimidos –
os homens, a terra
e o futuro (DUARTE, 1993, p. 67).

De um “tempo novo”, de “homens redimidos”, de um “mundo em construção” (p. 69), de “aurora transparente” e cânticos de “manhã renovada” (p. 70) aqui se fala (poemas “Criança” e “Desejos”). E de um mundo em que as mulheres são ativas semeadoras, como nos poemas “Morreu uma combatente” e “Momento”, do Caderno III (p. 72 e 73). Um “mundo irmão/ limpo e incorrupto” (p.71), e não somente para Cabo Verde.

Um caminho rumo ao mundo/um caminhar no mundo é o que percebo na literatura e, sobretudo, na poesia cabo-verdiana na contemporaneidade. A vocação migratória e transnacional assomava desde os primórdios da Literatura Cabo-verdiana, na literatura de viagens quinhentista³ e seiscentista⁴, que expressava o desejo dos habitantes da ilha de Santiago de alcançar e povoar a fresca Serra Leoa (na chamada costa da Guiné), como alternativa às secas e aos traumas das fomes, como a de 1583, na ilha de Santiago. Muito cedo funcionando como plata-

³ ALMADA, André Álvares d'. **Tratado breve dos rios de Guiné do Cabo Verde**. Introdução, modernização do texto e notas de António Luís Ferronha. 1. Ed. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1994.

⁴ DO(R)NELHA(S), André. **Descrição da Serra Leoa e dos rios de Guiné do Cabo Verde**, 1625. ed. do texto português, introd., notas e apêndices por Avelino Teixeira da Mota. Lisboa: Junta de Investigações Científicas do Ultramar, 1977.

forma giratória entre três continentes (África, Europa e América), o arquipélago de Cabo Verde sempre esteve aberto para o mundo.

Ottmar Ette (2012), sobre o saber da convivência no qual repousa a literatura, lembra que “as ilhas e os arquipélagos, vistos em diferentes níveis, jamais hão de ser entendidos como figuras ancoradas em um lugar fixo, mas como entidades dinâmicas”. Desta forma, a estrutura significativa da ilha (e, por extensão, do arquipélago) é, pelo menos, dupla. Por um lado, pode significar um estado fechado, isolado do Outro; por outro, a consciência de uma relacionalidade de múltiplas formas com o Outro.

Tendo em mente os deslocamentos que orientam a Literatura Cabo-verdiana desde o que chamo *uma história do espaço* (pré-Claridade, **Claridade** até a geração da Nova Largada) para *uma poética do movimento* (contemporaneidade), tenho buscado acompanhar algumas obras e excertos literários que tentam definir uma raiz ou pertença ao discurso, mas já apontando para aquela perspectiva dupla (insularidade como espaço isolado e fixo, mas também insularidade como ponte, trânsito e relação).

Volto, para aprofundar a reflexão, à metáfora do “pássaro fechado”, que penso presidir a poética de Jorge Barbosa (2002, p. 329), sobretudo nos antológicos poemas do ciclo “Meio milênio” (num balanço de “5 séculos de abandono e retardado progresso” (2002, p. 381) e na epopeia sumária “Expectativa”, mormente no Canto 4º, em que a ilha, “este redondo espaço aflitivo” (p. 180), “desesperado cenário” (p. 186) que “comprime”, “reduz” e “desespera” (p. 180), é ladeada por uma “estampa [...] / com o retrato de um menino / que tinha à sua frente / uma grande esfera giratória / com o mapa-múndi assinalado” (p. 174-175). E a partir daí, declara o poema: “o poeta imaginou / um lento impulso / nos dedos finos do menino / rodando assim o globo / inclinado sobre o eixo / varado em diagonal... // Da rotação surgiram / na visão do poeta / surgiram e passaram / com as suas cores / variadas e cintilantes / nações e continentes” (p. 175).

O enfoque barbosiano propõe uma abertura, desde um mundo fechado (a ilha, o arquipélago) até o infinito (aberto pela rotação do globo terrestre), e a entidade “ilha” pode ser compreendida, por um lado, como ilha-mundo, dentro da qual uma totalidade se espacializa, e, por outro lado, como ilha-para-o-mundo, com múltiplas possibilidades de conexão e vetorização, seguindo o rastro do pensamento de Ottmar Ette (2012).

Em **Amanhã amadrugada**, num poético passeio a pedra de Lume, paisagem exuberante no interior da ilha do Sal (Cabo Verde), o eu lírico salta para a seguinte reflexão, no exercício poético 2:

Somos todos mortos: pela guerra e pela fome; pelo amor e pelo ódio; pela violência quotidiana dos *ghettos* e das cidades, dos campos de concentração, das fábricas e da poluição. Ninguém morre de morte natural. Salvo o poeta... [...] o

que se passa no Gana? e em São Salvador? bate-se no Tchad; e mata-se no Chile. [...] Afligem-me contudo estas notícias do mundo e dos homens (DUARTE, 1993, p. 51).

De forma semelhante, localizando, no exercício poético 4, seu ponto de partida no Mindelo, ilha de São Vicente (“meus olhos mergulharam para além do monte cara”, p. 54), esta voz feminina parte em busca da liberdade “dos irmãos” e de si própria “nos tarrafais de todas as terras” (poema “Não mais”, p. 94) do globo. O movimento de expansão, mundialização, nos dois excertos, é notório.

Obras poéticas da contemporaneidade, como a de Vera Duarte, têm como suporte conceitos como os de ilha-para-o-mundo, errância, nomadismo, trânsito, transárea, vetorização, poética do movimento, não-lugar, polinização rizomática que proporcionam outros olhares ou elegem outros focos de análise para a produção cabo-verdiana.

Oswaldo Osório, n.º **A sexagésima curvatura** (2007, p. 79), propõe, no poema “Signo Identitário”: “Geográfica e sentimentalmente África e demograficamente e culturalmente mestiços não temos de ser europeus nem mais nem menos africanos./ Temos, isso sim, é de saber conviver caboverdianamente neste vasto Atlântico que nos rodeia e a que desde cedo servimos de ponte de identidades”.

A assumida criouliidade de Vera Duarte, compartilhada na epígrafe do Caderno III de **Amanhã amadrugada** com Baltasar Lopes (“oh, o depois mestiço/ nascido/ do crepúsculo de hoje/ e da madrugada de amanhã” p. 65) proporciona este espaço intervalar que permite à pluralidade identitária de Cabo Verde ser ponte para o mundo e no mundo (há mais cabo-verdianos espalhados pelo globo do que nas nove ilhas habitadas).

Uma pátria (ponte) entre mundos parece-me afinar-se com a ideia de uma escrita-entre-mundos, híbrida, uma literatura viajante, de contato, de trocas, de movimento e devir que possa interrogar paradigmas hegemônicos e transcender fronteiras e limites de ordem geográfica, genérica e temporal: esta a concepção que tem presidido a escrita literária de Vera Duarte, desde o seu nascedouro. Uma obra que, ainda mantendo laços com uma raiz de pertença (“acarício a terra agreste desta paisagem órfã”, p. 58), vai ampliando a espacialização em vetorização, orientando-se para uma literatura-mundo, sintonizada com a experiência vivencial contemporânea caracterizada pelo humanismo planetário.

A produção de Vera Duarte assume a vocação global da identidade plural cabo-verdiana, com traduções em outras línguas como alemão, árabe, espanhol, francês, holandês, inglês, sueco, além de realizar interlocução com obras de várias pertenças, rumo a uma literatura global que exige leitura e recepção transversais, além de memória literária para captar e interpretar a circulação de textos alheios (em língua portuguesa ou outras) nos poemas.

Posto isto, e voltando à estrutura que sustenta **Amanhã amadrugada**, a luta entre a angústia do pássaro fechado (preso) e a possibilidade do voo é vencida, ao findar o livro, pelo amor que, enfim, apesar das “marcas” de uma “caminhada/ longa e dolorosa”, realiza-se em ato no poema “Companheiro” (p. 104). “Corpos ardentes”, em êxtase, encontram harmonia e sintonia com os “sonhos de sahel redimido”: “abraçar-te-ei tão forte quanto puder/ e, sobre esta terra/ sagrada/ abriremos nossas comportas” (p. 104).

Para concluir, mas abrindo outras comportas, esta leitura do livro **Amanhã amadrugada** é apenas uma das possibilidades de apreensão da obra, respeitando a sua ordem temporal decrescente, sob o signo da rememoração (de 1985 a 1975). Sinalizo que essa década poderia ser lida de outra forma, em ordem crescente da datação dos poemas (analisando o livro de trás para a frente), navegando do dealbar da independência de Cabo Verde (Caderno IV) à transição para o novo século (tema principal do Caderno I). Sob esse viés, para além das independências políticas, as “guerras, fomes e ódios” (Momento II, p. 29) como “desordem universal” (exercício poético 6, p. 57) persistem no mundo, assim como “desamparo e solidão” (Momento IX, p. 37). De qualquer forma, nas várias leituras possíveis, no fundo da caixa de Pandora, em resistência e com humanismo, a poeta, sempre, vai “esconder a noite na madrugada” (p. 36). Em seu texto, no mais escuro do “labirinto” (p. 39), haverá sempre uma “madrugada de amanhã” (epígrafe de Baltasar Lopes ao Caderno III, p. 65) a despontar.

GOMES, S. C. *Amanhã amadrugada* 30 years: Vera Duarte’s literature from Cape Verde to the world. *Itinerários*, Araraquara, n. 58, p. 259-270, jan./jun. 2024.

■ **ABSTRACT:** *Vera Duarte, Cape Verdean writer, completes 30 years of career. She began her literary career with Amanhã amadrugada, poetry written by women, which addressed, as its main theme, resistance to the patriarchal order and the emancipation of women. Colonialism, Cape Verde’s political independence, the world situation and contemporary times are also vectors of her work, whose starting point is the 1993 book, which we present here. From the feminine struggles (and not only) of her small island country to the convulsions that are ravaging the world (wars, famines, hatred) Vera Duarte’s text moves, projecting Creole issues to a planetary dimension.*

■ **KEYWORDS:** *Amanhã amadrugada. Vera Duarte. Cape Verdean Literature Poetry. World Literature.*

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Jorge. **Obra poética**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002.

DUARTE, Vera. **Jogos Florais 12 de Setembro**: antologia de poesia inédita cabo-verdiana. Praia: Instituto Caboverdiano do Livro, 1976.

DUARTE, Vera. **Amanhã amadrigada**. Lisboa: Vega – Instituto Caboverdiano do Livro, 1993.

DUARTE, Vera. **O arquipélago da paixão**. Mindelo: Artiletra, 2001.

DUARTE, Vera. **A candidata**. Luanda: UEA, 2004.

DUARTE, Vera. **Preces e súplicas ou os cânticos da desesperança**. Lisboa: Instituto Piaget, 2005.

DUARTE, Vera. **Construindo a utopia: temas e conferências sobre Direitos Humanos**. Praia: Edição da Autora, 2007.

DUARTE, Vera. **Ejercícios poéticos**. Canárias: SEPTENIO, 2010.

DUARTE, Vera. **A palavra e os dias**, crônicas, Belo Horizonte: Nandyala 2013.

DUARTE, Vera. **A matriarca—uma estória de mestiçagens**. Praia: Pedro Cardoso Livraria, 2017.

DUARTE, Vera. **De risos & lágrimas**. Praia: Pedro Cardoso Livraria 2018.

DUARTE, Vera. **A reinvenção do mar: antologia poética**. Lisboa: Rosa de Porcelana, 2018.

DUARTE, Vera. **Cabo Verde, um roteiro sentimental: viajando pelas ilhas da sodad, do sol e da morabeza**. Praia: Mudjer Edições, 2019.

DUARTE, Vera. **Naranjas em el mar**, antologia poética bilíngue (português e espanhol). Canárias: Biblioteca Atlántica, 2020.

DUARTE, Vera. **Contos Crepusculares: metamorfoses**. Praia: Pedro Cardoso Livraria, 2020.

DUARTE, Vera. **A Vénus crioula**. Lisboa: Rosa de Porcelana, 2021.

DUARTE, Vera. **Desassossegos e acalantos**- micro contos. Salvador: KatukaEdições, 2021.

DUARTE, Vera. **Urdindo palavras no silêncio dos dias**. Curitiba: Kotter Editorial, 2022.

DUARTE, Vera. **José Mãos Limpas e outros contos**. Vila Nova de Famalicão: Editorial Novembro, 2023.

ETTE, Ottmar & MÜLLER, Gesine eds. **Worldwide. Archipels de la mondialisation. Archipiélagos de la globalización**. Madrid and Frankfurt: Iberoamericana-Vervuert, 2012.

GOMES, Simone Caputo. A poesia feminina cabo-verdiana vive: resistindo à persistência de um cânone de perspectiva masculina. Rio de Janeiro: **Mulemba**, v. 11 n. 21, 2019. Poesia

Africana de Autoria Feminina em Língua Portuguesa (Dossiê). Disponível em: <https://doi.org/10.35520/mulemba.2019.v11n21a31265>. Acesso em: 27 de novembro de 2023.

GOMES, Simone Caputo. Viagens da literatura cabo-verdiana entre raízes e rizomas, entre árvores e ondas. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 40, p. 261-296, nov. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/va.i40.157144>. Acesso em 28 de novembro de 2023.

GOMES, Simone Caputo. **Cabo Verde**: literatura em chão de cultura. Cotia; Praia: Ateliê Editorial -UNEMAT; Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro, 2008.

OSÓRIO, Oswaldo. **A sexagésima curvatura**. Praia: Dada, 2007.

